

6.

Com a palavra os jovens

Durante os meses de maio, junho e outubro de 2009, foram realizadas as três oficinas, aqui denominadas *rodas de conversas*. A primeira aconteceu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com estudantes do curso de Pedagogia; a segunda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com estudantes do curso de Psicologia; e a terceira, em um núcleo do Pró-Jovem, no município de Belfort Roxo^{15 16}.

Embora as *rodas de conversa* tenham sido realizadas em espaços distintos, no processo de transcrição das falas e organização dos depoimentos deflagrados a partir das notícias do jornal, privilegiamos o encontro e confronto das diferentes vozes, sem uma preocupação em explicitar os discursos dos jovens a partir do lugar social que ocupam.

Na medida em que esta pesquisa tem como objetivo fundamental a escuta dos jovens sobre o tema da violência e suas implicações nos modos de enfrentamento com esta realidade urbana, o que nos interessa particularmente é a diversidade de experiências deste segmento social, e não um estudo comparativo entre os três grupos de jovens aqui representados. Assim evitamos criar rótulos e interpretações maniqueístas em relação aos depoimentos dos jovens, deixando o leitor livre para desenvolver suas próprias reflexões e críticas. Contudo, o texto construído pela leitura das notícias, os depoimentos dos jovens e as análises produzidas pela pesquisadora com base em especialistas sobre o tema da violência, têm a pretensão de apontar caminhos para o enfrentamento desta questão de grande relevância social.

¹⁵ O ProJovem é um programa do governo federal que cria oportunidades para a juventude brasileira, entre 15 e 29 anos, que vive em situação de exclusão: fora da escola, sem qualificação profissional. Segundo informações do site, “a missão do Pró Jovem é justamente reintegrar esses brasileiros ao processo educacional, promover sua qualificação profissional, garantir um auxílio financeiro durante a realização do Programa”.

¹⁶ Inicialmente estabelecemos a faixa etária entre 18 e 24 anos, para caracterizar a juventude participante desta pesquisa, evitando menores de 18 anos por questões legais. Posteriormente, por interferência da própria realidade ampliamos para 31 anos a faixa etária dos participantes. Decidimos contar com a participação de jovens entre 18 e 31 anos para incluir os depoimentos dos jovens integrantes do ProJovem. Este imprevisto deixa claro que as estratégias metodológicas devem estar preparadas para se adequarem as contingências do encontro com o campo, redefinindo o que havia sido pensado previamente.

No artigo “*Subjetividade: a (des)construção de um conceito*” Luciana L. Miranda (2000) comenta o conceito de subjetividade a partir das contribuições de Deleuze (1990), Guattari (1992) e Rolnik (1986) sobre o tema. Segundo a autora, “a subjetividade de um indivíduo é marcada menos por uma etiqueta identificatória do que pela diversidade, pela heterogeneidade dos modos que ela pode assumir.” Miranda ressalta que o conceito de subjetividade não se confunde com conceito de identidade, ou com o de individualidade. “A identidade, segundo Guattari, freqüentemente está ligada a algum tipo de reconhecimento, seja ele individual ou coletivo, a um quadro de referência que perpassa enquanto identificação do indivíduo – nome, filiação, impressão digital – (...)”.

Assim, ao identificar o falante pelo espaço institucional que ele freqüenta estaríamos enclausurando a subjetividade – que é múltipla e mutável – do sujeito em uma identidade única, individualizada. A subjetividade, segundo Guattari, não é promovida pelos princípios da individualidade, no sentido em que ela não se encontra somente no indivíduo, ela é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, não havendo entre elas nenhuma hierarquia. Segundo Guattari, “a subjetividade é plural e polifônica, ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca.” Nesse ponto, encontramos uma convergência entre o pensamento do teórico francês e a filosofia dos gêneros de discurso de Mikhail Bakhtin. Vale dizer que Bakhtin (2003) aplica o conceito de polifonia, elaborado no âmbito da sua filosofia da linguagem, para defender a natureza múltipla e dialógica dos discursos. Para o autor, a verdade não pertence a uma única pessoa, mas está presente no processo de interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. Para Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (Bakhtin, 2003, p.272). O mesmo ocorre com a noção de subjetividade de Guattari. O autor elucida a idéia a partir do conceito de Agenciamentos Coletivos de Enunciação, como explicita Miranda a seguir:

Guattari fala em subjetividade enquanto Agenciamentos Coletivos de Enunciação, que compreendem tanto o sujeito da enunciação (sujeito que narra) como o do enunciado (sujeito que diz ou faz), chegando a se confundir em uma só voz, onde uma fala não é necessariamente produzida por um só sujeito, mas

pode lhe ser anterior e coletiva. Na voz de um sujeito, ecoam inúmeras vozes: sujeito produtor e produto de vetores de subjetivação (Miranda, 2000, p.39).

Para os autores acima mencionados, a constituição do processo discursivo e subjetivo se dá a partir da confluência e alternância de vozes. No entanto, cabe ressaltar que não existe hierarquia entre essas vozes, tampouco lugares determinados. Bakhtin combate a idéia de que existam, no processo de comunicação discursiva, pólos opostos ocupados por quem fala e por quem ouve, sendo o primeiro um sujeito ativo e o segundo, passivo no processo. Para o autor, o ouvinte ao ouvir e compreender o significado do discurso ocupa uma posição, simultaneamente, ativa e responsiva e afirma que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (p.272).

Ao trazer estas breves reflexões de Guattari e Bakhtin sobre o sujeito e a linguagem, nossa intenção foi apresentar de forma sucinta a base teórica que subsidiou a abordagem metodológica que orientou o trabalho de pesquisa nas *rodas de conversas* e a organização e a análise dos depoimentos posteriormente. Vale dizer que a análise dos resultados das oficinas de debate foi dividida em dois momentos. O primeiro passo foi perceber que tipo de discurso emergia das notícias nos diferentes grupos. Essa escolha se justifica pela percepção de que as reportagens não despertavam necessariamente o mesmo tipo de questão. No segundo momento, analisamos as situações, fatores de proteção e riscos evidenciados na fala dos jovens. A partir dos relatos foram criadas subcategorias do conceito de vulnerabilidade balizadas pelos discursos presentes na pesquisa de campo. A seguir apresentaremos os resultados da análise dos discursos dos jovens presentes nas *rodas de conversas*. Os depoimentos dos jovens aparecem no texto agrupados em torno de cada uma das sete notícias selecionadas para a dinâmica, configurando a presença de posicionamentos diversos e a riqueza de possibilidades interpretativas geradas durante o debate.

6.1

Acidentes: 1/3 das vítimas é jovem

Segundo Detran, de 22 mil acidentados, no ano passado, 7,6 mil tinham até 29 anos

A reportagem “Acidentes: 1\3 das vítimas é jovem” apresenta um levantamento realizado pelo Detran que constata que das 22.502 vítimas de trânsito – entre mortes e feridos – que tiveram a idade identificada, 7.617 delas (cerca de 33%) eram homens e mulheres entre 18 e 29 anos. A reportagem é ilustrada pela foto do enterro de quatro jovens mortos em um acidente de trânsito recente. Segundo a reportagem os jovens colidiram com um poste após sair de uma casa de show. A notícia trouxe à tona o discurso da imprudência e irresponsabilidade como comportamento típico da juventude.

Embora, a reportagem não explicita o uso de álcool no acidente noticiado, Ariadine supõe que os jovens envolvidos no acidente estavam alcoolizados. Ela defende seu argumento citando experiências próprias.

Ariadine – Eu saio, vou para essas baladas também e não tem essa de tô bebendo não vou dirigir, acaba rolando, dirige sim não tem responsabilidade com a própria vida nem com as que estão dentro do carro (...) eu acredito que esse jovens morreram por imprudência, pelo fato de voltarem de madrugada de uma casa de festa, na certa eles deviam estar sob efeito de álcool, perderam o controle do carro, bateram em um poste e morreram os quatro.

Nesse aspecto, as opiniões não foram divergentes. Nos três grupos houve a concordância de que esse dado estatístico revela uma conduta cada vez mais comum entre os jovens. Em outro grupo, uma integrante diz que se trata de mais um caso entre muitos que ocorrem envolvendo jovens e acidentes de trânsito. Assim como a leitora do grupo anterior, Carolina destaca que a notícia não menciona o motivo da batida, nem cita uso de bebida alcoólica ou imprudência do motorista, no entanto, quando é convidada a opinar sobre a causa ela crê na possibilidade de eles estarem alcoolizados, afinal estavam saindo de uma casa de show.

Apesar de reconhecer que os jovens majoritariamente são irresponsáveis, Ariadine relata que não são todos e que ela mesma é uma exceção. Ela narra uma experiência em que teve que ser o contraponto responsável do grupo.

Ariadine – Uma vez a gente tava voltando de uma festa em três carros, era de madrugada e os dois carros da frente começaram a querer fazer “racha”. Eu falei para o meu noivo – você não vai participar disso porque poxa além de você não estar tomando conta da sua vida, você tá colocando em risco a vida de quem tá aqui dentro; o carro não é seu, é da sua mãe e vários outros fatores.

A jovem continua ressaltando, com indignação, que todos os tripulantes dos outros carros eram jovens, inclusive alguns pais de família que deixaram os filhos em casa e saíram com eles. Parando para abastecer no posto a jovem relata que chamou a atenção dos amigos.

Ariadine – Falei que era um bando de irresponsáveis que se batesse e morresse era menos mal, pior é sofrer um acidente, ficar internado, paraplégico dando trabalho para os filhos. Falei um monte. Aí fiquei taxada como chata. A gente que tem a cabeça mais no lugar fica com fama de careta, isso e aquilo. Existe essa ideologia entre os jovens: quem bebe é legal, vai se enturmar, vai sentar e conversar. – Pô, cê vai chamar uma pessoa que não bebe? Vai ficar lá fazendo o que? Já perguntam logo.

Seu discurso fala de uma faceta imediatista, apontado por outros participantes como característica do comportamento dos jovens. Segundo a participante, *“ninguém pensa em se cuidar, pensar na saúde, na integridade física para curtir no futuro. Não, tudo é agora.”* O depoimento resalta também o suposto preconceito que o jovem que não bebe – dito careta – sofre no grupo de amigos.

Uma jovem cita que muitas vezes sofre repressão e deboche de alguns amigos pela postura cautelosa que tem ao entrar em um carro. Entretanto, ela resalta que faz questão do uso do cinto de segurança e incentiva o uso coletivo.

Contudo, os jovens não foram os únicos responsabilizados pela ascensão dos números de óbitos no trânsito. Na *roda de conversa*, Priscila chamou a atenção para a conivência da polícia com as práticas irresponsáveis dos jovens.

Priscila – É o que mais acontece hoje em dia, as pessoas vão para os bares e quando voltam geralmente estão bêbados, eles pegam e não querem nem saber, saem dirigindo e nisso acaba atropelando (...) e a polícia de hoje em dia vê que estão fazendo errado e deixa. Por qualquer dez reais deixa passar. Às vezes a pessoa tá bêbada e eles só querem o “cachê” para poder liberar. (...)

Nesse grupo, a fala dessa jovem desencadeou diversos relatos de experiências semelhantes.

Werigna – Onde eu moro todas as pessoas têm moto e elas passam para lá e para cá, a polícia para eles, e só quer dinheiro, porque eles não têm carteira. Os próprios policiais têm a consciência que está errado, mas deixa as pessoas permanecerem no erro porque eles só querem dinheiro. Eles querem ganhar em cima daquelas pessoas que estão erradas. (...) Ao invés deles agirem

corretamente, eles descontam nas pessoas que moram na favela e que não tem nada a ver. E as pessoas da favela ficam revoltadas e acabam também fazendo coisas erradas, entendeu? Claro que nada justifica o tráfico, nada disso. Mas tá errado porque os próprios policiais ao invés deles ajudarem eles atrapalham.

A atuação da polícia foi bastante criticada pela omissão e por sua postura corrupta manifestada através da prática do suborno. A responsabilidade do Estado nos delitos apresentados nas reportagens apareceu em diferentes falas. Os discursos de representação das instituições de segurança são permeados pelo sentimento de descrença e revolta.

Entretanto, os pais também foram acusados de serem cúmplices das irresponsabilidades dos filhos. O desamparo familiar foi uma questão recorrente na fala dos jovens. Em um dos grupos, os pais foram responsabilizados por darem as chaves do carro na mão de filhos que, freqüentemente, não são ‘*confiáveis*’. *Você tem que confiar, mas saber em quem você tá confiando, saber se ele tem maturidade para dirigir, ir à festa e não beber*, disse Raquel.

Debatendo a questão, o personagem da novela “*Caminho das Índias*”¹⁷ foi lembrado quando o assunto foi a cumplicidade dos pais com as atitudes inconseqüentes dos filhos. Na novela, o jovem Zeca comete diversos delitos sempre amparado pelo pai que parece orgulhar-se da delinquência do filho.

Valdemar – Acho que o jovem tá muito irresponsável hoje em dia também por causa disso: ele apronta na rua, chega em casa o pai passa a mão na cabeça. E já que os pais passam a mão na cabeça tinha que haver punição para os dois (...) As autoridades ficam falando que os jovens são irresponsáveis. São sim, mas mais irresponsáveis são os pais que não estão ali olhando. Apareceu com o negócio em casa, tem que perguntar: - isso aqui é de quem? É da onde? Cê comprou isso aqui com que dinheiro? Hoje em dia não, o jovem sai, quando volta, volta com roupa de marca, tênis e os pais não procuram saber. Depois quando vai procurar saber (o filho) já tá preso, já aconteceu alguma coisa, já matou outra pessoa. Então acho que pai e mãe também devem ser punidos de uma determinada forma. Não só os filhos, os pais também.

Em “*A juventude como sintoma da cultura*” Maria Rita Kehl (2004) fala do prestígio que a condição de ser jovem adquiriu na contemporaneidade. Mais que uma etapa etária, “juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, é uma fatia do mercado onde todos querem se incluir.” A elasticidade do conceito chegou ao

¹⁷ Novela da Rede Globo, 2009.

ponto de podermos afirmar que dos 18 aos 40 anos, todos os adultos são jovens. Entretanto, esse prestígio é recente e em parte tributário da indústria cultural. Citando Nelson Rodrigues, a autora destaca que de 1920 para o novo milênio, o Brasil passou de uma “paisagem de velhos” para uma “paisagem de jovens”. Diferente dos jovens de outrora,

o adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti-sociais para transformar-se em modelo de beleza, liberdade e sensualidade para outras faixas etárias. O adolescente pós moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas responsabilidades (Kehl, 2004, p.93).

É interessante perceber que em diversos depoimentos ouvimos opiniões que se afiliam com o pensamento da autora. Na fala dos jovens essa irresponsabilidade é problematizada.

Graziela – Acho que os pais hoje estão muito jovens, os pais estão sendo influenciados pelos filhos. Hoje os pais estão permitindo aos filhos coisas que não eram permitidas há vinte anos, como dar carro na mão do filho, deixar os filhos fumarem. Antigamente, os pais fumavam, mas não deixavam os filhos fumarem.

“A vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada” (p.96). Kehl explica a afirmação a partir do já mencionado declínio da autoridade da condição de adulto. Com seus saberes e experiências questionadas, os mais velhos sentem-se desconfortáveis com a responsabilidade de educar. A impopularidade da categoria adulto – visto agora como careta – dissipou o conflito de gerações, na medida em que ninguém quer ocupar o outro lado.

Mães e pais dançam rock, funk, e reggae com seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, freqüentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições (p.96).

Diz a autora que esta liberdade recai em desamparo. Vivendo em um mundo em que as regras parecem ser feitas por eles e para eles os jovens atuam socialmente destituídos de referenciais e parâmetros, uma vez que pais e educadores estão empenhados em aparentar eles também juventude. Kehl destaca que a liberdade e a cumplicidade concedida pelos pais “bebedores de cerveja” e “mães quarentonas joviais” poderia revelar-se saudável se, “em vez de tolerância

e compreensão, não revelasse uma grande omissão em oferecer parâmetros mínimos para orientar seus filhos” (p.96).

O agravante, no entanto, é que segundo pesquisas com jovens a família é apontada como principal referencial de apoio e admiração. No estudo “*Mostrando a real: um retrato da juventude pobre do Rio de Janeiro*”, Castro et al (2005) entrevistou 1.300 jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa investigação revelou, entre outras coisas, a importância da família na formação identitária do jovem. A família apareceu como esteio mais importante nas trajetórias de vida e seu apoio foi apontado como vital para ampliar as chances de realizar os projetos de vida. Na ausência do Estado como suporte para a vida social até mesmo no que diz respeito ao controle da criminalidade, refluem sobre a família todas as expectativas de amparo e apoio. Quando perguntados a respeito da figura que eles mais admiram – valendo conhecidos, pessoas públicas e até fictícias – mães, pais e conhecidos com grau mais próximo de parentescos foram os mais citados.

Werigna – Adolescentes que pegam o carro emprestado dos pais, até mesmo esses jovens que são filhos de gente de alta sociedade, eles pedem o carro para os pais e os pais vão lá e deixam porque são filhinhos de papai, aí depois que morrem eles vão ver, aí vai querer sentir a dor, não adianta, porque ele deu o carro na mão de uma criança, de um jovem, de um adolescente, aí não adianta querer chorar e lamentar.

Percebemos que a notícia desencadeou nos grupos três tipos de discursos distintos. Quando questionados sobre o motivo do óbito na reportagem, os jovens trouxeram a questão da imprudência dos jovens, a corrupção da instituição policial e a responsabilidade dos pais nos delitos dos filhos.

6.2

Polícia prende 38 jovens com drogas em rave

Projeto Noite Legal apreende maconha, ecstasy e anestésico veterinário em festa em Cachoeiras de Macacu

A reportagem “Polícia prende 38 jovens com drogas em rave” não trazia um óbito, mas relatava uso abusivo de entorpecentes tais como: maconha, ecstasy e anestésico veterinário em uma festa eletrônica no interior do Estado. Pela primeira vez na oficina uma participante usou o pronome ‘nós’ para se referir aos

jovens. Até aquele momento, ‘eles’ e ‘os jovens’ tinham sido os termos adotados. Mais uma vez a falta de limites dos jovens e a pouca participação familiar dos pais na vida dos filhos foram apontadas como as causas desse problema. Diz Gabriela:

Gabriela – Acho que a gente tem muita facilidade sim, mas se o pai controlar mais, a gente consegue não utilizar, sabe? Eu ando nesse meio, conheço pessoas que usam, cada um na sua, mas eu nunca usei porque fui orientada. Acho que o problema é mesmo falta de limites.

Comentando a notícia, participantes de outro grupo trouxeram questões similares. Raquel destaca que o uso de entorpecentes é uma escolha pessoal e pondera que embora se fale muito em drogas em raves, existe substâncias lícitas que são igualmente prejudiciais.

Raquel – Todo mundo tem seu direito de escolha, certo? Cada um sabe o que está fazendo quando se droga. Mas também envolvem outros casos como acidentes de trânsito, não com ecstasy, mas com álcool e outros tipos de drogas em geral que mudam o comportamento, as pessoas ficam mais agressivas, tendo briga e outros acidentes.

A jovem destaca ainda que essas notícias são positivas porque alertam para os riscos envolvidos no uso. No entanto, o risco parece ser o de ser pego e não o do óbito.

Raquel – O bom de espalhar essas notícias é porque (elas) inibem, porque sempre rola aquele medo – ah! Eu posso ser pego. Um pai receber o telefonema que seu filho foi pego com drogas não é nada agradável para ninguém.

A fala da jovem desperta a questão do nível de consciência que os jovens têm em relação aos seus próprios comportamentos e atitudes. Como nos diz Olievenstein (1985), as experiências dos usuários de drogas não são empreendidas de forma solitária ou voluntariamente, como supõe a jovem. Segundo o autor, eles as realizam no interior de uma história, de um contexto socioeconômico, imersos em momentos socioculturais, vinculados a sistemas familiares e condicionados pela manipulação e apelo da sociedade na qual vivem. Assim, afirmar que o uso de drogas é gesto autônomo e consciente constitui equívoco, uma vez que a ingestão de drogas se estabelece a partir da interação dos dados desta história.

Vinícius complementa dizendo que outras notícias, como a dos acidentes de trânsito e apreensão de drogas em rave falam desse comportamento.

Vinícius – *A droga existe, né, em toda sociedade, há milhares de anos, a droga sempre existiu, acho que seria interessante uma educação mesmo, uma conscientização sobre a maneira como usar, o que isso pode causar e isso não acontece, o jovem é completamente desinformado sobre isso.*

Birman (2007) destaca a presença do consumo regular de drogas em diferentes tradições sociais e culturais, em sociedades tradicionais e em sociedades complexas. O ritual de drogas no Ocidente relaciona-se com o advento da cultura grega. A partir dos séculos XIX e XX esse consumo se intensifica progressivamente em nossa sociedade, mas só vem configurar-se como um problema nos anos 50, o que levou a reestruturação teórica do campo das drogas. Birman cita que o consumo e circulação das drogas em larga escala fez surtir uma multiplicidade de questões antes nunca visitadas em diferentes níveis de complexidade. O autor lembra que “a circunscrição epistemológica do campo das drogas é bastante recente (...). Há poucas décadas a farmacologia e a psiquiatria eram as disciplinas que detinham a hegemonia teórica no universo das drogas.” As ciências humanas estavam excluídas desse processo. A psicologia figurava como disciplina periférica. Birman explica que a reestruturação teórica do campo das drogas se deu a partir de uma urgência social e política de investigar a questão das drogas no campo social. “A farmacologia e a psiquiatria mostraram-se limitadas em suas abordagens, o que exigiu a produção de outras leituras teóricas” (p.220). A sociologia pôde circunscrever as complexas redes sociais de produção e consumo das drogas, analisando a relação destas redes com os mundos dos crimes, da polícia e do Estado. Para o autor, a interdisciplinaridade dos estudos sobre drogas é resultado não somente de um imperativo teórico, mas também de ordem política, ética e antropológica.

Birman parte do argumento da *estetização da existência* para explicar o que para ele é uma questão fundamental, um “grito contido”: de que forma a droga – lícitas e ilícitas – se tornou de maneira geral e irrestrita instrumento legítimo para o evitamento da dor e do sofrimento psíquico?

Para o psicanalista, depressão, transtorno do pânico e toxicomania são psicopatologias da pós-modernidade originárias de certo modo do imperativo moral do que devemos ser na sociedade do espetáculo, “uma norma de sanidade a que devemos nos submeter e adequar”. O argumento da estetização da existência advém da necessidade cada vez mais performativa da inserção dos sujeitos no

espetáculo da cena social. Nesse sentido, panicosos e depressivos são os fracassados da cultura do narcisismo.

A psicofarmacologia e drogadição fornecem os instrumentos básicos para que as individualidades possam se inscrever nos trâmites brilhosos da cultura do narcisismo. Os psicofármacos, pelo enorme efeito antidepressivo e tranqüilizante, visam transformar miseráveis sofredores em seres efetivos da sociedade do espetáculo (Birman, p.247).

Costa (2004) credita também à moral do espetáculo parte da carga pelo consumo excessivo de drogas na sociedade contemporânea.

Ninguém se arrisca a morrer por *overdose* porque se deixou manipular pela propaganda de mercadorias. No Brasil, a publicidade de drogas é ilegal, seu uso é condenado, do ponto de vista médico, e a venda brutalmente reprimida, malgrado a corrupção policial. Apesar disso, uma multidão de brasileiros pobres e ricos continua a se drogar, porque lhes é sugerido pela moral do espetáculo que o êxtase químico é a estrada pavimentada para a felicidade (p.175).

Segundo o autor, não é a ilegalidade do gesto, nem mesmos os riscos para saúde ou a contribuição para a rede ilegal e violenta do tráfico de drogas que escandaliza e perturba. O mais atordoante, diz o autor é que nenhum desses argumentos é suficiente para levar as pessoas a abandonarem seus hábitos.

Jovens e adultos são conscientes das implicações pessoais e sociais do consumo de drogas. Se não param de se drogar é porque dizem em alto e bom som o que relutamos em admitir: o comércio de drogas é sórdido, mas tudo vale a pena quando o prazer não é pequeno (p.176).

Birman (2007) reforça o argumento de Costa (2004) citando a fetichização do gozo pela incidência da droga no corpo do sujeito. A droga se transforma em instrumento para a promoção do gozo absoluto. Deste modo, o autor alerta para o ideal de estetização que abarca a existência do sujeito. É a estetização da existência que toma volume como estilo existencial do sujeito.

Apenas nesse contexto podemos interpretar o fantástico crescimento das toxicomanias nas últimas décadas, pois, seja pelo narcotráfico, pela farmacod dependência ou pelos psicofármacos, o que está sempre em pauta é a transformação do sujeito inseguro, deprimido e panicoado em cidadão da sociedade do espetáculo (Birman, 2007, p. 248).

Em outro grupo, a notícia sobre a apreensão de drogas em rave suscitou uma discussão sobre a falta de oportunidade para os jovens.

Priscila – *Muitas pessoas, jovens como eu, não estão tendo a oportunidade de estudar, não estão tendo o estudo que é necessário para conseguir emprego. Por não ter emprego eles vão apelar pelo lado mais fácil, entendeu? Então, eles vendendo drogas as coisas são mais fáceis. Por que os jovens não estão tendo oportunidade.*

Priscila acredita que os jovens que estavam vendendo drogas na rave estavam obedecendo a ordens dos pais. Nesse caso, o crime é motivado pela necessidade do sustento ou pelo próprio vício. A jovem ressalta que isso não ocorre somente com jovens pobres, segundo ela “muitos riquinhos, estão assaltando carros e pessoas atrás de dinheiro para comprar drogas”.

Branco (2005) aponta que segundo a Organização Internacional do Trabalho, na última década, a juventude, que representa 25% da população economicamente ativa, foi afetada sensivelmente pelo desemprego. Estima-se que, mundialmente, uma em cada cinco pessoas com idade entre 15 e 24 anos está desempregada, ou seja, que existam hoje 88 milhões de pessoas jovens sem trabalho, o equivalente a 46% dos desempregados no mundo (p.129).

O depoimento de alguns jovens ratifica os dados e mostra as consequências dessa exclusão.

Robson – *Muitas vezes os jovens estão procurando por uma oportunidade de emprego, tá batendo na porta, não tem, pô, tá levando um “não”. Aí chega para o pai revoltado e diz: - pô, pai não to conseguindo emprego, e o pai vai falar: - você é vagabundo, você é preguiçoso, você é isso e aquilo. Eu já passei muito por isso (...) a minha mãe sempre joga na minha cara que eu sou vagabundo e não gosto de trabalhar, mas eu mostro para ela que eu gosto de trabalhar. Eu posso perder um emprego hoje, amanhã eu to procurando outro. Sabe por quê? Eu tenho que mostrar o meu potencial não é só para ela, mas para as outras pessoas que estão ao meu redor.*

Castell apud Abramovay et al.(1999) define exclusão social como um processo que se articula com um contexto. Diz o autor:

Certos indivíduos e grupos são sistematicamente excluídos do acesso a posições que lhes permitiriam condições de vida autônoma segundo padrões sociais definidos e valorados dentro de contexto específico. A exclusão social é, portanto um processo e não uma condição; e o que é ou não excluído, pode variar no tempo dependendo do grau de educação, das características demográficas, dos preconceitos sociais e das políticas públicas (p.51).

As autoras apontam que ninguém está fadado eternamente a posição de excluído, no entanto para superar essa condição faz-se necessário a soma de um

conjunto de ações que segundo os jovens depoentes não estão sendo implementadas.

Priscila enquanto mãe reconhece que é papel dos pais a formação moral dos filhos, mas argumenta que a falta de oportunidade de emprego leva os pais que precisam sustentar seus filhos a gestos desesperados.

Priscila – É falta de ensinamento dos pais? É sim, mas também eles não estão tendo chance. Os próprios pais não estão tendo chance. Não estão conseguindo emprego. Alguns conseguem e tem emprego, mas os que não conseguem têm que sustentar a família (...) hoje tá muito difícil e muitos apelam pelo lado mais fácil: drogas. E, às vezes estão fazendo os próprios filhos venderem as drogas.

Em *Cabeça de Porco* (2005) o antropólogo Luiz Eduardo Soares, o rapper MV Bill e seu empresário Celso Athayde desenvolvem um precioso trabalho a seis mãos. O livro, que é resultado de uma pesquisa iniciada em 1998 por Celso e Bill, traça um painel realista e ao mesmo tempo sensível sobre a violência instaurada no país.

A aposta dos autores é que se existe solução elas residem na articulação de ações sociais e políticas preventivas que exorcizem estigmas, preconceitos e simplificações. Nesse sentido, é preciso debruçar-se sobre o drama da juventude brasileira em um esforço de compreendê-la no que ela tem de múltiplo e singular.

No capítulo *“Invisibilidade e reconhecimento”* os autores desenvolvem a teoria da invisibilidade como resultado de indiferença e preconceito. Preconceito esse que arma o medo que dispara a violência. Dizem os autores que no nosso esforço de não perceber a violência, na tentativa vã de não se afetar estaríamos, de fato, produzindo mais violência.

É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor (2005, p.137).

O autor constata que, na ausência do olhar, a inserção pela violência e pelo crime salta como alternativa e, a arma será o passaporte para visibilidade. No entanto, não basta dar visibilidade ao jovem invisível, é preciso olhar sem preconceitos e garantir, sobretudo acesso a estruturas de direitos e oportunidades.

No grupo, houve depoimentos que evidenciaram o apelo e poder de sedução do tráfico. Na fala dos jovens falta de oportunidade de emprego, dificuldade de acesso a bens essenciais, tais como saúde e alimentação foram motivos citados para a incursão no crime organizado. Os jovens depoentes não tinham a intenção de justificar ou defender a adesão ao crime, no entanto também deixaram claro que não cabia a eles julgar a escolha dos outros. Diz o jovem:

Rodrigo – A questão não é só: ah, vou pular para a vida do crime porque lá é mais fácil e eu não quero trabalhar não. É porque hoje tá mais difícil trabalhar do que entrar para a vida do crime. Eu quero estudar, trabalhar, sou dona de casa, faço tudo direitinho, bato lá na porta atrás de emprego e não tem nada, fechado. Quer dizer: tá tudo mais difícil. Então onde ela vai procurar? Onde tá mais fácil. E onde tá mais fácil? No morro, nesses lugares errados, conseqüentemente não vai ser bom para você nem para o seu filho. Às vezes, as pessoas vão por necessidade, claro, tem gente que vai por maldade, coloca uma pistola na cintura e tá tirando a maior onda, mas tem gente que vai porque tem necessidade. E, às vezes, a questão não é porque o pai te ensinou errado, é porque o mundo hoje em dia, para trabalho, para estudo tá muito difícil. Então, tá muito mais fácil entrar para a vida do crime. Se o governo dá oportunidade para você estudar, por que não dá oportunidade de você mais na frente conseguir um emprego? Eu tenho estudo, mas as portas não se abrem, então eu vou para onde? Como eu vou sustentar minha família? Meu filho passou mal e eu não tenho dinheiro nem para o ônibus. O que eu vou fazer? Vou colocar um negócio na cintura e sair por aí.

Soares destaca a existência, Brasil afora, de uma cultura da violência, gestada, alimentada e reproduzida pelo tráfico de drogas, que a utiliza seja para recrutar jovens vulneráveis a seu apelo, seja para integrá-los a seu sistema de trabalho e poder. Diz o autor:

(...) Se o tráfico recruta, atrai, seduz, é porque traz benefícios. Os benefícios são as evidentes vantagens materiais, como dinheiro, acesso ao consumo, e são também os bens simbólicos e afetivos, como a sensação de importância e poder, o status, o sentimento de pertencimento a um dotado de identidade – tudo isso significa valorização pessoal, reforço da auto-estima (Soares, 2005, p.285).

A solução melhor e mais realista, segundo os autores, para a redução da capacidade de recrutamento do tráfico não está na tentativa de destruí-lo, mas sim de competir com ele. E nesse sentido Soares ressalta que para isso não bastam empregos ou frentes de trabalho. Para o autor hoje a demanda dos jovens é por superação da trajetória dos pais e, sobretudo por cidadania.

Às vezes, qualquer emprego resolve, em geral não é assim que acontece. Os jovens não querem repetir a trajetória de fracasso dos pais. Eles não querem ser apenas pintores de nossas paredes, mecânicos de nossos carros, engraxates de nossos sapatos. Eles querem o que os nossos filhos querem: internet, música, arte, dança, esporte, cinema, mídia, tecnologia de última geração, criatividade. Já se foi o tempo em que bastava acenar com a integração subalterna para calar demandas. Agora, quem demanda quer mesmo a tal cidadania, que significa pleno acesso ao mundo dos direitos e a tudo o que nossa sociedade pode oferecer (2005, p.286).

Trata-se também, portanto de uma luta contra um destino que parece fadado a se cumprir. Trata-se de uma luta contra a invisibilidade infligida pelo preconceito e por estigmas históricos. Preconceito estes conhecidos por relatos, mas com muita frequência vividos na pele.

Robson – Todo mundo fala que quem mora no morro é bandido. Não é. Tem trabalhador lá em cima também. Tem gente honesta. Tem criança que nasce, cresce lá em cima, para poder ser um vereador de amanhã, um prefeito. E estão crescendo com uma mentalidade diferente. Mas todo mundo pensa que se é “negrinho” é pivete. Tantas vezes fui lá na cidade procurar emprego, - cê mora onde? Belfort Roxo. Ih, tem emprego aqui não, tem emprego para quem mora no baixada não. Por que isso? Primeiro olharam para a minha cor, depois olharam para o local onde eu morava. Isso é discriminação.(...) O que acontece com os jovens de hoje em dia? Estão vendo que as portas estão se fechando, estão correndo para o mundo do crime, estão correndo para o mundo das drogas, eles estão achando que ali tem dinheiro fácil. É isso que tá acontecendo. Não é porque mora na favela que é bandido, não.

No caso relatado por Robson, ele não está invisível, no entanto o que o seu possível empregador vê são apenas estigmas e preconceitos atrelados a sua imagem. E “quando visibilidade é um simples sinal de suspeita, ela é o outro lado da invisibilidade e apenas revigora seus efeitos” (Soares, 2005 p.188). Robson segue seu depoimento dizendo-se confiante no futuro, mas ressaltando que a oportunidade tem que ser dada. Em seu relato ele expõe seu sonho e as dificuldades já enfrentadas para realizá-lo.

Robson – Eu tenho uma filha de dois anos também, é como eu falei, eu quero estudar, eu tenho o maior sonho de entrar na PM, seja lá o que for, mas para honrar a minha pátria. Na verdade, eu adoro instrumento, sou instrumentista, eu gosto de tocar instrumento. Então, eu queria entra na PM não é nem para botar o peito aberto lá na favela, eu queria tocar na banda da PM ou do exército. Eu chorei quando eu não servi o exército, eu chorei na frente do sargento, e o sargento me zuou na frente da rapaziada toda, mas eu falei não é vergonha porque eu queria defender a minha pátria, honrar a minha farda, mas infelizmente a oportunidade não veio, não foi dada. Quem sabe amanhã pode vir essa oportunidade?

Entretanto, houve também espaços para discursos baseados na meritocracia, na capacidade do jovem de escrever sua própria história. Expressões como “suar a camisa”, “batalhar”, “correr atrás” foram empregadas para sugerir posturas pró-ativas nos jovens. Segundo depoimentos, aliado a falta de oportunidade existe muito comodismo por parte dos próprios jovens.

Werigna – Hoje em dia o jovem só quer saber de vida boa, de balada. O jovem, na maioria entre aspas, não quer saber de trabalhar. Eu tive muita oportunidade, quando eu tinha 15 anos de ter uma vida melhor, só que eu não quis. E já me ofereceram drogas, já me ofereceram uma vida de prostituição, eu não quis. Porque eu acho assim, o jovem diz: eu tô nesse caminho porque não tem outra alternativa. Tem sim, se você tiver caráter e vergonha na cara, você pode procurar um emprego, nem que você acorde 5 horas da manhã e saia para procurar, assim que o comércio tiver abrindo, você bate lá e já entrega o seu currículo, entendeu? Mas aí os jovens falam: ah, eu tô nessa vida porque aquele supermercado não me dá emprego, diz: a culpa é do Lula. A culpa não é do Lula, é da gente mesmo que não corre atrás. Eu acho que tudo a gente joga a culpa no governo e eu não acho que é bem assim. Nós temos que ter vergonha na cara, temos que ter caráter e correr atrás daquilo que nós queremos. Porque se a gente quiser fazer uma faculdade, quiser um trabalho, nós temos que correr atrás, vamos estudar, não depender dos outros, porque sem estudo nós não somos nada (...) não adianta dizer que não teve oportunidade, você teve várias, a partir do momento que você nasceu você já teve várias oportunidades, então começa por aí.

Graziela – E, sinceramente, na minha opinião, embora muitas jovens digam que não, “ah, eu não consigo isso, eu não consigo aquilo.” Tudo que é batalhado, tudo que é valorizado, se ele quiser correr atrás ele consegue sim. Eu antes até pensava: ah, eu nunca vou conseguir fazer faculdade porque é difícil, depois que eu comecei a estudar eu vi que se a gente quiser, se a gente tiver força de vontade, a gente chega lá sim, demore o tempo que demorar, mas quando chegar vai ser valorizado (..) acho que o jovem tem que lutar pelos seus ideais.

Valdemar – O que sinto hoje é que falta empenho do próprio jovem mesmo, em conseguir um trabalho, em conseguir ser alguém. Porque tem pessoas que têm uma certa facilidade e outras não. Esses que têm facilidade eu até entendo, porque se eu tô dando para você, você não vai correr atrás mesmo. Falta mais empenho do jovem em buscar aquilo. Hoje em dia você vê que os jovens só querem saber de festas, bebidas, drogas. Então o que eu vejo na realidade de hoje é que o jovem não tem consciência daquilo que eles estão fazendo.

Ao final de uma das *rodas de conversa* Cilaine pediu para ler um texto que ela escreveu, aparentemente durante a realização da dinâmica. O texto trouxe questões que foram debatidas durante o nosso encontro.

Cilaine – *O que precisa mudar? A desigualdade social precisa mudar para minha vida melhorar de verdade. O Brasil precisa de pessoas honestas que queiram lutar pelo nosso país. Precisamos de um tratamento igual, precisamos que haja oportunidade para todos e não para um grupo restrito. Acredito que com a igualdade social no nosso país minha vida vai melhorar de verdade. Os jovens hoje em dia não acreditam mais em promessas, onde as coisas erradas passam a ser certas. A mídia passa uma imagem falsa e na realidade é bem diferente. Muitas vezes somos direcionados a procurar alguém com autoridade para nos ajudar, quando fazemos isso somos desfeiteados e muitas vezes nos tratam até mal.*

Cilaine explica que a mensagem que deseja passar com o seu texto final faz referência a tudo que foi debatido na *roda de conversa*: preconceito, desigualdade social, necessidade de força de vontade para alcançar os objetivos. A jovem conta que quando decidiu vender produtos cosméticos para ganhar um dinheiro extra foi desencorajada por colegas, no entanto ela afirma que insistiu em seu objetivo e obteve sucesso. Cilaine reconhece que a dificuldade é grande, mas com determinação e esforço é possível.

6.3



Esta foi talvez a notícia mais controversa. Trata-se de uma chamada de capa que denuncia 11 homens pela morte de três jovens do Morro da Providência. Segundo a reportagem, os militares ocupavam a comunidade em virtude de uma obra promovida pelo então candidato a prefeito, Marcelo Crivella. No grupo, Pedro iniciou sua fala ressaltando o discurso “sensacionalista” da notícia. Segundo o jovem, a reportagem recriou muito os policiais e militares, mas não deixa claro o que os jovens estavam fazendo. Ele acredita que esses jovens

(Providência), ainda que ele não pudesse afirmar, provavelmente estavam relacionados a facções criminosas rivais e por isso foram assassinados. O fato de eles terem sido vendidos por militares, aparentemente não gerou surpresa, nem desaprovação por parte do jovem. *“Talvez, o cara não fosse matar à toa, os jovens devem ter aprontado alguma coisa (...) para os caras morrerem assim de graça eles não deviam ser inocentes, eu não acho”*, enfatizou. Pedro destaca ainda o oportunismo dos policiais, existem denúncias de que os jovens foram vendidos por R\$ 60 mil reais, no entanto, na visão do jovem vender é um crime menor.

Pedro – Os policiais sabem que botando na cadeia não iria adiantar e eles não iam ganhar nada com isso, então eles quiseram ganhar alguma coisa em cima disso (...) tudo bem, os militares venderam, mas a acusação de assassinato, isso eu não sei.

Nessa fala, ele mais uma vez critica a notícia dizendo que ela acusa muito os policiais ao invés de investigar os traficantes que mataram os jovens. Percebe-se que para esse jovem, os traficantes do morro rival são os verdadeiros algozes dos rapazes da Providência e que o crime foi motivado pela rivalidade existente entre as facções dos morros vizinhos. Jordana também criticou a abordagem do jornal, no entanto sua colocação referiu-se a atenção dada a certas notícias e a invisibilidade de outros. Para a jovem, reportagem como essas da Providência envolvendo jovens anônimos e pobres são raras.

Jordana – Morrem milhões de jovens na favela e nunca aparece no jornal, todos esses jovens aqui (referindo-se as notícias) não têm nada a ver com tráfico e é onde morrem mais jovens. Acho que a mídia negligencia demais esses jovens.

Pedro justifica dizendo que fazer jornalismo na favela é complicado e arriscado lembrando o caso do jornalista Tim Lopes que foi torturado e morto. Vinícius argumenta que existem jornais populares que exibem diariamente notícias sobre a morte de jovens envolvidos com o tráfico, mas ressalta que são quase sempre anônimos.

Jordana destaca que esses jornais falam do ponto de vista do policial e cita chamadas como: *“morreu três vagabundos na favela”*. Para ela não há imparcialidade.

A jovem defende que existe sim a possibilidade de investigar os assassinatos ocorridos dentro da favela, para ela o motivo da omissão dos jornais e a falta de interesse da “elite” nesse tipo de crime. *Só interessa quando morre alguém que você conhece.*

A respeito das constantes violações dos direitos humanos, Cano (2001) ressalta que embora exista um viés de classe muito forte que faz com que as pessoas de classe econômica baixa tenham seus direitos mais violados, o autor aposta na aliança entre as classes em favor de mudanças mais profundas.

Se nós tentarmos mudar só a partir das vítimas mais freqüentes, dos excluídos não teremos o mesmo respaldo social. A morte de um favelado ocupa um pequeno espaço na mídia, salvo exceções. É estrategicamente crucial criar alianças, para que a plataforma pela mudança seja mais ampla do que é hoje em dia. (p.122)

Em outro grupo, a notícia promoveu uma discussão acerca da impunidade e do preconceito. Diz o jovem:

Rodrigo – *Na minha opinião tá faltando muita competência. (...) Você não vê na cara de cada um, não tá na cara da pessoa o que a pessoa é, o que a pessoa fez. Não tá na cara. Então, as pessoas pensam, os polícias pensam que você é o que eles pensam que você é. “Aquele ali é preto então ele é um trombadinha, um marginal, vamos abordar ele.” Na minha opinião, tem que ter uma limpeza geral dentro da polícia, nos quartéis, na sociedade. A sociedade tá muito disposta a qualquer coisa que pareça fácil demais. Então é por isso que tem muita gente se dando mal. Então, na minha opinião a gente tem que começar a limpar primeiramente a nossa casa. Nossa casa, eu me refiro aos governos, as prefeituras.*

O depoimento de Rodrigo evidencia a descrença da população na eficiência e honestidade das autoridades. Segundo o jovem, é preciso realizar uma verdadeira faxina nas instituições públicas. Para analistas, o crime organizado que se estrutura em torno do tráfico de armas e drogas, por meio de mecanismos em níveis diversos, corrompeu amplos segmentos das corporações policiais, em alguns casos atingindo desde as bases até as chefias (Lemgruber, Musumeci e Cano, 2003). Em alguns estados, a violência policial transformou-se em um problema maior e afeta diretamente as populações pobres das favelas e das

periferias, que se vêem encurraladas entre a violência dos grupos armados de traficantes e a violência e a corrupção policiais (Ramos e Lemgruber, 2004).

Valdemar opina dizendo que os recrutas viram nos três rapazes uma fragilidade e resolveram “pregar uma peça”. No entanto, o jovem acredita que os militares não dimensionaram os riscos e a repercussão do assunto. Outros jovens na *roda de conversa* concordaram que no serviço militar tem uma prática de “castigos”, infligidas pelas patentes mais altas. Eles concordaram que era para ser uma “brincadeira” que teve conseqüências inesperadas. Debatendo a notícia, Filipe comenta a possibilidade de ter sido apenas uma fatalidade: *“eles podiam estar no lugar errado, na hora errada”*. No entanto, seu colega de grupo, Rodrigo argumenta que eles não poderiam estar no lugar errado, uma vez que eles moravam ali: *“o que ocorreu foi uma covardia motivada pelo tédio, crueldade e divertimento”*.

Neste grupo, o fato que mais revoltou os jovens foi a punição diferenciada pela patente. Para os jovens, se estavam todos envolvidos, todos deveriam ser julgados e punidos igualmente. Nesse momento, ressaltou-se o pouco compromisso que muitos oficiais têm com o seu trabalho. Para dois jovens depoentes, policiais, bombeiros e autoridades devem estar comprometidos com suas funções 24h por dia. Dentro ou fora das instituições, vestindo ou não uniformes.

Filipe – *Quando aconteceu esse fato, eu ainda não tava no serviço obrigatório, foi na época do Pan. Teve na Providência e depois teve em outras comunidades. Mas, hoje em dia, o oficial, o sargento já foram todos soltos. Hoje, só tem um ou dois soldados que eram recrutas que continuam presos. Agora o sargento que tava dirigindo e o oficial que deu a ordem estão todos soltos.*

Em meio à discussão, Eliane surpreendeu-se com o fato de os jovens terem sido vendidos. Para a jovem, a mercantilização dos corpos, denota a banalização da vida.

6.4



A notícia “Jovem é morto em porta de boate em Ipanema” trouxe mais uma vez as fraturas do Estado em relação à segurança pública. Traz a reportagem que o jovem Daniel Duque, de 18 anos foi morto por um PM que fazia segurança de outro jovem, filho de uma promotora.

Vinícius – Se você vai para uma boate, normalmente você vai para se divertir, encontrar os amigos, confraternizar. Se você leva um segurança consigo? Não sei, talvez isso também reflita um pouco a violência que tem na cidade (...) e a polícia de hoje em dia, como eles estão tão agressivos.

Em outro grupo, a notícia levantou a questão da relação de poder que existem entre os jovens. Uma participante que conhecia a boate narrou sua experiência dentro da casa noturna. Elaine relatou que, embora a entrada de pessoas armadas seja proibida e que de fato exista um controle, a sensação de poder que o porte de arma confere existe dentro da boate, assim como o poder conferido pelo dinheiro.

Elaine – Ninguém entra na boate armado, realmente ninguém entra. A arma fica na portaria e quando você entra você tem que deixar a arma, você tem que deixar documentos e provar que você tem porte daquela arma, realmente eles cobram isso. Só que o que acontece? Quando você entra todos os seguranças sabem que naquele grupo tem uma pessoa armada e se ele tá armado então ele tá com poder.

A jovem ressalta ainda que para entrar na boate você tem que pagar no mínimo oitenta reais e mais trezentos reais para reservar uma mesa, então existe uma disputa de poder muito grande, balizada pelo poder de fogo e pelo poder aquisitivo.

Narrando o episódio que ela viveu a jovem conta:

Elaine – A gente não sabia que tinha que reservar mesa, a gente ficou sentado na mesa, tudo bem, até que chegou o dono da mesa que, diga-se de passagem, era bem abusado, aquela coisa: três homens e um mundo de mulheres atrás. Aí o segurança veio e pediu para a gente sair e o segurança colocou a mão no ombro desse meu amigo que é policial, aí meu amigo falou – ‘tira a mão de mim’, porque ele sabe que ele tem um certo poder a mais, vamos dizer assim, porque ele tem o porte daquela arma, ele pode atirar e ele é um cara imponente, ele vai marcar a presença dele. Aí nisso o menino dono da mesa já ficou meio assim – ele tá reclamando? Já querendo arrumar uma confusão, aí o segurança falou para ele (sussurrando) – ele é policial.(...) Então lá dentro tem isso, um jogo de poder, quem pode mais?

O depoimento da jovem traz um aspecto interessante e fundamental para a análise do conceito de violência e vulnerabilidade. Ela relata uma noite na boate onde o jovem foi morto. A jovem explica a dinâmica e as regras de sociabilidade da boate e destaca a relação de poder que existe dentro da casa noturna. Seria ingenuidade pensar que se trata de um caso isolado dessa boate específica. O jogo de poder, a competição e as fronteiras existem – em maior ou menor grau – em qualquer espaço de socialização. Naquela madrugada houve um ato de violência que culminou na morte do jovem, entretanto, em seu depoimento a jovem privilegia o jogo de poder e auto-afirmação que impera na boate e conjectura se o fato não pode ter contribuído para a morte do rapaz.

A boate em questão fica localizada na zona sul do Rio de Janeiro e é freqüentada majoritariamente por jovens de classe média alta, jogadores de futebol, artistas. A casa noturna figura com freqüência nos jornais – alternando coluna social e página policial – como um lugar associado à juventude e vaidades, confusões relacionadas a excesso de álcool e brigas de relacionamento (grupos que se rivalizam, briga motivada por ciúmes dos jovens com seus pares). Como a narrativa da jovem expôs é um lugar onde diferentes relações se operam e embora se proponha a ser ambiente de lazer, é também lugar de muita tensão. Em seu relato o conflito que gera a tensão ocorre em virtude de dois poderes que concorrem: o poder aquisitivo e o poder reivindicado e adquirido pelo porte de arma. O amigo de Elaine não tinha 300 reais para reservar a mesa, sequer sabia que a reserva era necessária, entretanto, não se intimida com a presença do “dono da mesa”, segundo a própria jovem seu poder está assegurado pelo porte da arma. Esse poder parece ser legítimo e evidente entre os freqüentadores da boate, visto que ao ser informado por um segurança do estabelecimento que o rapaz que ocupou equivocadamente sua mesa é policial, o “dono da mesa” contém sua ira. Cabe ressaltar que a boate não procura evitar esse tipo de conflito, de forma contrária, ela aparece como promotora de competições de toda ordem. Preços exorbitantes no cardápio, área vip, cofre para armas na portaria são recursos para serem empregados como signos de poder e status.

A jovem complementa dizendo que a pouca idade dos freqüentadores agrava o quadro. No caso de Daniel Duque que tinha apenas 18 anos e era a

primeira vez que ia a boate ela acredita que ele estava no auge de mostrar “esse poder” e isso pode ter causado a confusão que resultou na sua morte.

Em outro grupo, a possibilidade de o jovem assassinado estar envolvido na confusão de fato, também foi considerada.

Suzana – O jovem foi só comemorar o aniversário de amigo e foi morto, 18 anos, novo. Aqui, no caso, foi um PM que matou que deu um tiro nesse jovem. (...) Mas, se ele fosse consciente também ele não se envolveria em briga nenhuma, comemoraria o aniversário da pessoa tranquilo, sem briga nenhuma, entendeu?

Nesse momento, Thaís relata a história do assassinato de um amigo de 14 anos que também foi baleado pela polícia. Segundo ela, o jovem foi assassinado por estar no lugar errado, na hora errada. Embora, ela também advirta que ele era viciado e isso pode ter contribuído. A questão da impunidade mais uma vez veio à tona.

Valdemar acompanhou o caso pelos noticiários ressalta que o policial envolvido no crime até hoje não foi punido. Ele acredita que por tratar-se do segurança do filho de uma promotora de Justiça, o caso não vai dar em nada, apesar das passeatas, apelos e manifestações.

Valdemar – Se eu não estou enganado esse é o caso do menino Daniel Duque, não é? (...) No máximo esse policial vai responder a esse processo administrativamente. Esses dias eu vi na internet, ele não foi punido, ele continua fazendo a segurança do mesmo jeito. É aquilo que eu disse, eu acho isso errado, você errou, você tem que pagar. Não interessa quem ou o que você é.

De maneira similar aos comentários sobre a notícia do assassinato dos jovens da Providência, impunidade também foi questão abordada no caso Daniel Duque. Esse dado destaca uma questão que me parece relevante. Trata-se do fato de que a leniência da justiça resultante do corporativismo das instituições policiais opera sem distinção de classe social. Distingui-se o caso pela repercussão midiática – tempo de exposição nos jornais impressos e televisionados – pelos apelos e passeatas, pela comoção social, no entanto em ambos os casos os algozes dos jovens permanecem incólumes.

Nesse sentido a polícia é inimiga dos dois segmentos sociais, seja a vítima rica ou pobre a punição não vem. Seu comentário encontra eco nos depoimentos

de alguns jovens. A descrença na polícia e o terror diante da sua atuação se expressa em depoimentos tais como:

Robson – *Na minha opinião não tem solução. Pode até os “poderosos” tentar fazer alguma coisa, mas ele não consegue. Pode entrar Fulano, Beltrano que não vai conseguir. E isso não vem só deles (autoridades), vem de nós, vem do ser humano.*

Gisele – *O policial é afastado, mas é ridículo, agora eles afastaram o policial, agora que ele já matou uma menina de 21 anos, sabe? (A jovem se refere a notícia “Morte de jovens por PMs causa revolta”)*

Vinícius – *É, hoje em dia o policial sai da PM e vai para a milícia, né. Hoje em dia a gente não sabe se tem mais medo de bandido ou de policial.*

Jordana – *Acho que os policiais estão muito impessoais, é a questão de ganhar pouco, de falta de preparação, óbvio existem aqueles que acreditam na ideologia de ser um policial, mas acho que a maioria tá ali mais para um trabalho alienado, para ganhar dinheiro, e também de uma maneira ilegal, tipo, como você é policial você pode ganhar com suborno. Acho que é uma má preparação, mas acho que também não há uma vontade de fazer esse trabalho. Acho que não existe a idéia de que o policial tá ali para garantir a segurança. Acho que a visão que se tem do policial é que ele tá ali mais para punir. (...) e acho que eles usam a profissão deles para se safar: – ah, eu matei, mas eu sou policial então não vou ser julgado.*

6.5



Cilaine segura o recorte de jornal e expõe para o grupo: “Morte de jovens por PMs causa revolta”. A reportagem traz que a estudante Rafaeli Ramos Lima, 21 anos, foi morta por engano por policiais militares, na cidade de Porto Amazonas, região central do Paraná. A jovem voltava de um baile de formatura com um amigo e conta a reportagem que os PMs confundiram o veículo com outro que teria furado um bloqueio policial e abriram fogo acertando a cabeça de Rafaeli.

Sua opinião é que da mesma forma que existem policiais competentes e bem preparados, existe também muita incompetência e despreparo.

Cilaine – *Como hoje em dia a violência tem avançado, o cidadão fica ao mesmo tempo apreensivo (em uma blitz) pensando se são realmente policiais ou bandidos. E, ao mesmo tempo, eu vejo policiais que não sabem distinguir também. Por exemplo, no caso dessa jovem, a operação não tinha nada a ver e o policial despreparado e, nessa situação houve a morte dessa jovem.*

Após a fala de Cilaine, Robson relatou um episódio que viveu na Central do Brasil envolvendo policiais e guardas da empresa de transporte. Com seu depoimento o jovem pretendia mostrar que além de preparo, faltam boas intenções na ação policial,

Robson – *Aconteceu um fato comigo, eu tava na Central do Brasil, eu tava dentro do trem e eu segurei a porta do trem, eu tava errado, certo? Só que todo mundo já viu reportagens, mesmo dentro do trem um monte de gente segurando a porta do trem. E eu vejo aquele papelzinho assim: segurar a porta do trem pode dar pena de reclusão de 5 meses a 2 anos de reclusão, né? Eu achava que aquilo era bobeira e tal e segurei e quando tava chegando perto da estação terminal da Central do Brasil “geral” “meteu o pé” e sempre tem que ficar um bucha, né? No caso, o bucha fui eu, aí eu fiquei lá. Aí o guarda que tava na linha – observando quem tava pulando catraca para não pagar passagem – passou um rádio lá para a plataforma. Chegando o trem na plataforma já me enquadraram, cercaram tudo. No caso, eu tentei me esquivar para um lado e para o outro, mas não teve jeito. Aí o guarda me jogou na grade, o guarda lá da Supervia, me jogou na grade e falou: - vamos conversar, vamos desenrolar. Eu disse: - vamos desenrolar. Nisso, já tinha uns 20 minutos que a gente tava conversando veio um policial do nada já jogando algema no meu braço dizendo: - cê tá preso; sem saber o que tava ocorrendo. Se ele sabia, talvez ele podia ter chegado um pouco mais manso, vamos conversar e tal. Não, ele chegou jogando algema no meu braço, - você tá preso. Eu disse: - meu irmão, eu não to preso, eu não matei, não roubei, não cheirei, eu não fiz nada, só simplesmente segurei a porta e guarda veio aqui conversar comigo, tudo bem eu to indo para o meu trabalho e você tá me atrasando. Ele falou: - eu não quero saber, se você não estivesse fazendo besteira eu deixava até você passar, joga a mão para trás. Eu falei: - eu não vou jogar a mão para trás porque eu não vou ser preso. Ele falou assim: - fala baixo comigo que você não tá falando com a sua mãe. Eu falei: - eu não falo baixo nem com a minha mãe, eu vou falar baixo com o senhor? Ele falou: agora você tá preso mesmo porque você me desacatou. Então ele ficou me enfezando até uma hora eu chegar a certo ponto de eu esculhambar com ele e mandar ele para um lugar estranho. Aí ele falou: - agora joga a mão para trás. Quando eu joguei a mão, joguei na cara dele, - então segura aí e dei na cara dele. –Agora você tá preso mesmo, artigo 2.60, cinco anos de reclusão, cê vai ficar preso, não tem conversa mais, eu tentei até te aliviar. Eu disse: - como cê tentou me aliviar, cê você tá me deixando mais nervoso? Eu tremia tudo, pernas, braços, tremia tudo. Eu falei assim: - cê não tava querendo me acalmar, cê tava querendo me deixar mais nervoso. Aí ele falou para as guardas da supervia: eu vou matar ele. Aí o supervisor falou: - mata ele lá fora, aqui dentro não. Então, ele agem sem noção, e como ele (outro jovem) falou, às vezes eles estão com problema em casa, eles querem levar um problema de casa para o trabalho.(...) Acho que o tava faltando é competência, e falta treinamento. Não para os policiais só, não, é para todo mundo, até para a gente mesmo: às vezes a gente anda na rua despercebido e de repente leva uma porrada de um carro (...) a gente tem que tá ligado, todo*

mundo, não só o presidente que tem que tá alerta não, todos que estão ao nosso redor: polícia, bombeiro, médico, até os professores.

Soares (2004) comenta que, enquanto o crime se organiza e penetra as instituições públicas, as polícias têm sido com frequência inaceitável, ineficientes e, muitas vezes, desrespeitosas dos direitos humanos e das leis que lhes cabe defenderem (p.131).

Neste grupo a maioria dos participantes tinha relatos de experiências negativas envolvendo a polícia. Abusos de poder, violência física, humilhações e extorsão foram violências mencionadas pelos participantes. Em estudo sobre a percepção dos jovens sobre a atuação da polícia, Novaes (2003) destaca a multiplicidade de visões que existe acerca da imagem da polícia, que de comum só tem há negatividade.

Em qualquer grupo, todos têm algo a contar sobre a polícia. Os mais ricos contam que foram ‘achacados’ e dizem: ‘tivemos que negociar’. O que, via de regra, termina em ter que ‘molhar a mão do policial’. Os mais pobres, sobretudo, se forem negros, contam que foram humilhados. As jovens mulheres falam que foram paqueradas, seduzidas ou desrespeitadas. Os moradores das favelas, conjuntos habitacionais, periferias e vilas dizem que são sempre vistos como os maiores suspeitos (p.112).

Entretanto, diante das notícias que tinham a polícia militar como autores dos crimes, os jovens apresentaram um discurso equilibrado. Comentando a reportagem, negligência, falta de preparo e más condições de trabalho (falta de armas e baixos salários) foram os motivos apontados para as frequentes ações desastrosas da polícia.

Érica – Eu acho que é negligência, falta de preparo e imprudência, né? Porque eu acho que o policial deve ser bem preparado e não sair atirando assim, sem ter um motivo concreto. Porém, na sociedade em que a gente vive o policial é muito julgado, por diversos motivos, eu tenho parentes militares então eu sei como é. Se você faz uma coisa e acaba errando, você é condenado, e se você não faz aquela coisa você é tachado de que não sabe fazer, que não é bem preparado, é condenado do mesmo jeito.

Em resposta ao número de notícias que trazia a polícia como autora do crime Pedro comenta: *“na certa o PM tava fazendo o dever dele, porque se fosse um carro de assaltantes, se ele não matar os caras matam ele”* Rafaela retruca que não há necessidade de *“chegar atirando”* e seu colega de grupo retrucou que muitos policiais estão morrendo e justificou que a polícia *hoje em dia* age dessa

forma em virtude do medo permanente, *“é por isso que tá morrendo policial direto, eles vivem em uma guerra, guerra civil e, por isso eles saem atirando. É uma atitude brutal, mas tem o medo dele, a tensão na hora.”*

No entanto, a opinião predominante é que a polícia é um órgão corrupto, a notícia sobre a morte de um jovem na porta de uma boate em Ipanema, alvejado por PM que fazia a segurança do filho de uma promotora pública, ajudou a reforçar o argumento da corrupção, inexperiência e brutalidade como marcas da atuação da PM. Todos os participantes concordaram que a presença da polícia não traz segurança, pelo contrário, todos assumiram temer bandidos e PM igualmente.

Vinícius propõe duas questões para “jogar no ar”: *“quem nunca foi roubado e quem nunca pagou suborno para a polícia?”*

Ele conta:

Vinícius – *Esses dias tava com a minha mãe andando de carro, fomos parados pela polícia e o documento do carro tava irregular, entendeu? E, pô, minha mãe e cidadã que paga imposto, não tinha ninguém portando droga nem nada, ninguém criminoso, entendeu? Mas é isso você perde dinheiro para polícia. Você sofre o reflexo dessa polícia corrupta e bandida.*

Kehl (2004), ainda no artigo sobre a juventude como sintoma social, chama esse comportamento de criminalidade *soft*. De acordo com a autora, os jovens ricos convivem com essa criminalidade dentro e fora de casa. “O problema é que a cultura da malandragem adolescente é uma resposta à cultura da malandragem que se propaga, de forma mais disfarçada, entre os adultos.”

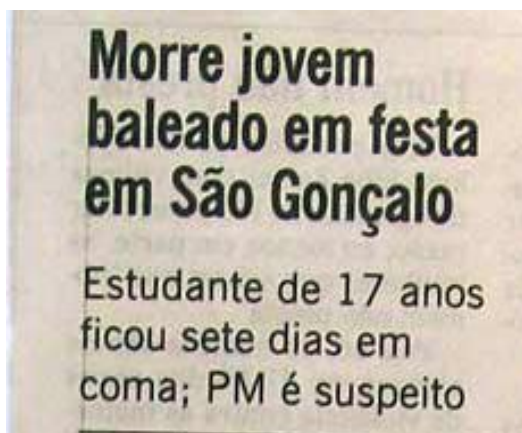
Os pais que temem a má influência dos “maloqueiros” do bairro sobre seu filho, são os mesmos que oferecem caixinha ao guarda para liberar uma multa de trânsito, são os mesmos que contratam e demitem funcionários sem pagar direitos trabalhistas e são as mesmas mães que param o carro em fila dupla na porta da escola atrapalhando o trânsito (p.104).

Nesse depoimento, chamou atenção a incongruência do discurso do jovem. Embora o jovem culpe a corrupção da polícia pela violência, ele não se reconhece corrupto ao subornar os PMs. Outra jovem, no entanto, destaca o papel de responsabilidade e culpa daquele que suborna.

Elaine – *Para mim, a pessoa que estando completamente bêbada pega dez reais para ser liberada é muito pior do que o policial que pegou os dez reais. Tudo bem que o cara tá lá, cumprindo o papel dele que é o de impedir que aquilo*

aconteça. Mas, a partir do momento que você tá fazendo uma coisa errada e você suborna uma pessoa para liberar e depois critica essa pessoa você é tão errada quanto aquela pessoa. Tudo bem que você não está trabalhando, mas seu papel social onde fica?

6.6



As notícias que tinham jovens como vítimas da PM foram tratadas sem surpresa, Érica disse que *“parece reprise, só muda nome e lugar”* referindo-se a notícia “Morre jovem baleado em São Gonçalo”. A reportagem comunica o falecimento de um jovem de 17 anos, após uma semana em coma. O estudante foi alvejado por um tenente da PM ao sair de uma festa de aniversário. Érica comenta a notícia e relembra o caso da criança morta por policiais na Tijuca. Na ocasião, o carro da família foi confundido e os policiais abriram fogo matando uma criança de três anos.

Em um determinado grupo, a notícia foi comentada pela jovem em tom de repúdio ao comportamento do PM envolvido no caso.

Rafaela – A notícia fala de um estudante de 17 anos que estava em uma festa de aniversário e segundo testemunhas parece que ele estava em uma briga e o policial, tenente ao invés dele chegar e apartar a briga, ele disse que deu um tiro para separar, só que na verdade o jovem chegou no hospital com dois tiros na cabeça e um no pescoço. Ele disse que só deu um tiro para separar a briga. Mas, de qualquer forma foi errado porque não é assim que se separa uma briga.

Segundo ela, não existe motivo qualquer que justifique a execução de um jovem de 17 anos ainda que ele estivesse envolvido em alguma coisa errada. *“Eu acredito que não haja um motivo, e não acredito que um jovem de 17 anos*

mereça tomar um tiro na cabeça e morrer”. Truculência e despreparo foram mais uma vez termos usados para se referir ao trabalho dos policiais do Estado.

No entanto, houve ponderações de que a polícia é muito julgada independente do que faça.

Valdemar – Falar do policial é complicado. Vê-se muito o lado do civil, e acho que tem que ver o lado do civil, mas tem que ver o lado do policial também. O cara tá estressado, não tem aquela preparação, ele não consegue ter um bom relacionamento com a sua família em casa, então ele já vai para o serviço estressado. E não tem uma psicóloga para acompanhar diariamente o policial. (...) Eu já fui abordado várias vezes por policial e ele já chega apontando arma para você, dando chute em você, ele não quer saber. Então eu acho que o policial tem que ter mais preparo para pode realizar o seu serviço da melhor forma possível para não acontecer o que aconteceu com esse jovem. (...) eu acho que o policial vive 48 horas no ar, ele sai do seu trabalho, vai fazer segurança e depois volta para o seu trabalho de novo. Então acho que isso é uma coisa que deve ser repensada, tem que dar mais suporte ao policial e não só ver as vítimas. Claro que tem que dar apoio a vítima, tem que dar assistência para as vítimas – é claro – as famílias, mas tem que dar uma assistência também ao policial. Condições para ele realizar o trabalho dele.

As questões referentes às mazelas da segurança pública não são recentes, no entanto as políticas de ação para melhoria ainda são esporádicas e pouco eficientes. Ramos e Lemgruber (2004) registram que apenas a partir da década de 90 começaram a ser registrados esforços sistemáticos de elaboração de políticas públicas de segurança baseados numa perspectiva contemporânea, identificada com a combinação entre eficiência e direitos humanos. Segundo as autoras o perfil socioeconômico e a baixa capacidade de pressão política das principais vítimas da violência são pistas importantes para explicar o despertar tardio dos governos e da sociedade civil brasileira para o tema da segurança pública e para a necessidade de modernização, controle e democratização das instituições policiais (p.48).

O depoimento de Érica sobre a morte do jovem em São Gonçalo evidencia que a lógica da pouca representatividade das vítimas também faz parte do imaginário dos jovens.

Érica – Esse jovem estava em uma festa, mas também não era um bairro de classe alta, era um bairro de classe baixa e essa é a diferença, né? Talvez isso já tenha sido esquecido, talvez não seja como no caso do Daniel (Duque) que até hoje ainda é lembrado. Talvez esse ninguém saiba o nome, ninguém saiba quem seja. Por ser uma classe diferenciada o contexto muda. Porque é diferente você

matar uma pessoa de uma classe completamente desfavorecida e outra de uma classe alta.

Em “*A letalidade da ação policial*”, Cano (1997) ressalta que

o número de vítimas fatais é maior nas intervenções nas favelas da cidade. Em contrapartida, o número de feridos é superior nas intervenções no asfalto. Conseqüentemente, a letalidade das atuações policiais nas favelas é mais de duas vezes superior à de suas ações no asfalto. No entanto, os confrontos dentro das favelas parecem representar um risco comparativo menor para os próprios policiais, e um risco menor também para as vítimas acidentais (balas perdidas) (p.80).

Em 523 confrontos armados em favelas, a polícia matou 512 pessoas. Fora das favelas, foram mortas 430 pessoas. Considerando o percentual da população que vive nessas áreas no Rio de Janeiro, este dado representa uma incidência de mortes seis vezes maior no interior das favelas. Os dados fornecidos por Cano ajudam a reforçar a teoria da jovem de que diz que existe diferença na abordagem e ação da polícia segundo a classe social e contexto urbano.

6.7

Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz a PF
Segundo delegado, primeiros depoimentos não confirmam consumo de drogas

Juliana lê a notícia e expõe para o resto do grupo – “Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz PF” –, a reportagem trata da morte de uma menina de 20 anos que morreu em um cruzeiro universitário. O recorte traz ainda relatos de outros jovens que estavam no navio e o depoimento de um dos integrantes da tripulação. Na declaração, o funcionário não identificado relata o comportamento dos jovens, expõe os excessos com bebidas e a promiscuidade no sexo. Em trio, Bárbara, Eliane e Juliana apontaram a facilidade de acesso a drogas e bebidas alcoólicas como a principal causa da morte da jovem.

Entendendo que a dinâmica se tratava do tema da violência, Jordana começou sua fala ressaltando que a notícia não está relacionada à violência como as outras, para ela o caso da Isabella fala do comportamento irresponsável que os jovens têm em relação às drogas. O comentário da jovem evidencia a necessidade

da divisão do termo vulnerabilidade. Para ela, existe claramente uma diferença entre o óbito envolvendo violência urbana e mortes causadas pela irresponsabilidade juvenil. Na pesquisa, os dois casos também são tratados como distintos, entretanto a diferença reside apenas na categoria, estando o jovem vulnerável em ambas as situações.

Juliana destacou a falta de limite e inconseqüência como comportamentos naturais dos jovens e argumentou:

Juliana – Os jovens fazem as coisas sem pensar no depois, o que interessa é o agora, eles nunca pensam nas conseqüências do ato, apenas no prazer do momento, por exemplo, esses jovens do barco estavam dormindo com qualquer um, bebendo muito, destruindo tudo, se drogando mesmo.

A relação com o tempo foi questão também na fala de outros jovens. Em muitos depoimentos o jovem foi retratado como imediatista. Pressa e urgência foram termos utilizados para descrever a relação do jovem com o tempo. No entanto, houve considerações sobre o futuro. Ironicamente, com freqüência a juventude é vista como um momento de transitoriedade no qual o jovem é incompleto, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Nesse sentido, Dayrell (2007) destaca que essa perspectiva esconde uma tendência de encarar a juventude, *o que não chegou a ser*, negando o presente vivido.

Podemos concluir que existe um conflito de visões: se na teoria o presente é desvalorizado, na fala de alguns participantes sobre os jovens este parece ser o único tempo que existe. Entretanto, não existe soberania de verdades. Em outra fala Juliana destaca sua preocupação com o futuro, trazendo à tona a relevância, a ansiedade e as inquietações em relação ao porvir.

Juliana – Hoje nós estamos vivendo essa violência toda e amanhã, o que nós vamos estar vivendo? A gente tem que pensar sempre no futuro, não é no presente não, porque o presente nós já estamos, o passado já foi. A gente tem que pensar sempre lá na frente.

Em outro depoimento, a participante demonstrou uma preocupação com a transmissão de valores desses jovens que um dia serão pais. A jovem destaca que as ações do presente podem acarretar conseqüências graves no futuro e lembra o compromisso dos jovens com sua própria geração.

Juliana – (...) Os jovens de amanhã serão pais de outros jovens. E que tipo de exemplo que eles poderão dar? Então eu acho que as pessoas têm que pensar muito no que elas fazem hoje porque amanhã podem trazer conseqüências gravíssimas para a vida delas. Então o que tá faltando realmente, é todo mundo parar e pensar em tudo que tá fazendo e tentar ver o que pode fazer para de fato ser a diferença, nesse mundo, nessa geração. E que venha impactar essa geração de uma forma boa, de uma forma que venha mostrar que fazer a coisa certa é bom e não ficar mostrando apenas as coisas ruins.

Em outro grupo encontramos opinião semelhante. Ambos os depoimentos clamam por atitudes responsáveis e conseqüentes por parte dos jovens.

Cilaine – É eu acho que falta consciência mesmo. E eu tenho isso para minha vida: o que a gente planta a gente vai colher. A maioria aqui tem filhos e os que não têm vão ter um dia, e tem também a questão do exemplo: do cidadão honesto, do cidadão de bem, então tem que procurar educar da melhor forma possível para que a criança se torne um adolescente e um adulto com mais consciência, com responsabilidade, com honestidade.

Valdemar conclui:

Valdemar – Eu penso assim, hoje o jovem tá muito irresponsável com ele mesmo. Porque tem várias maneiras de você se divertir sem você usar bebida alcoólica, sem você usar droga. O jovem hoje em dia ele pensa em se divertir, para mostrar para os outros. Se o jovem hoje em dia olhar para dentro dele mesmo ele vai ver que não precisa de droga, não precisa de bebida para se divertir. (...) Hoje tem a internet, coisa que os jovens de vinte anos atrás não tinham. E pelo alto poder de controle o jovem tá usando muita droga, principalmente o jovem de classe média alta, que onde você vê que ocorre mais prisões, mais mortes, são mais os jovens de classe média alta, porque na favela eles usam ali mesmo, têm pessoas que têm condições de comprar, outras não. Mas, o jovem de classe média alta tem o poder, ele acha que com a ilusão da droga ele tem o poder. Então eu acho que tá totalmente errado.

O jovem relembra ainda outro caso que aconteceu poucos meses depois, sobre uma menina que morreu afogada por excesso de álcool em uma piscina e ninguém viu.

Valdemar acompanhou o caso da jovem Isabella na imprensa e lembra que meses depois saiu um laudo comprovando que ela havia usado outras drogas que agravaram seu quadro. “Não foi só o vômito”, conclui.

Kehl explica que os abusos e excessos praticados pelos jovens têm suas causas no imperativo do gozo que a cultura lança sobre essa faixa etária. Como agravante a autora cita a falta de interdição paterna responsável por oferecer limites e, portanto, proteger os jovens dessa “obrigação”.

A fantasia de um mundo regido pelo gozo é ao mesmo tempo fascinante e ameaçadora. Do ponto de vista do indivíduo, parece um paraíso sem limites; por isso mesmo acena com os horrores da pulsão de morte (...). O gozo, afinal, é aquilo que pede para ir sempre além dos limites do prazer – nisso consiste seu vínculo com a pulsão da morte. O gozo ameaça a vida do corpo e a vida psíquica. A adolescência na nossa cultura é a idade na qual se representam as formas imaginárias do mais-gozar (Kehl, 2004, p.100).

Graziela lê a notícia e explica que a reportagem apregoa o motivo da morte a asfixia pelo vômito, entretanto ela ressalta que sua morte está relacionada a uma combinação de entorpecentes.

Graziela – Ela foi para essa festa, ela tem 20 anos, foi com mais jovens e se embebedaram, extrapolaram, quebraram o navio, fora as drogas que havia no navio. Ela se asfixiou com o vômito e dizem que daí veio o óbito dela, mas eu, na minha opinião, acho que o que causou também foram drogas. Os jovens hoje em dia acham que felicidade e curtição estão nisso: “ah, eu vou beber porque aí eu tô feliz”, “vou me drogar porque a vida é uma festa” e eu acho que não é assim, eu acho que tem muitas coisas para se fazer na vida que dá a mesma emoção que uma droga dá, que um ecstasy dá e eu acho que isso é vida jogada fora. Isso não leva ninguém a lugar nenhum, leva sim: para o buraco, amanhã tá lá na vala.

No entanto, houve depoimentos críticos a determinação descuidada de que o jovem é naturalmente uma fonte de problemas. Em um grupo, Eliane fala da possibilidade do jovem ocupar um papel transformador na sociedade através de um protagonismo juvenil.

Eliane – Eu acho que o jovem é sempre visto como um problema, só o fato de você ser jovem, para sociedade você é um problema, você é perigoso. E, eu acho que, só pelo fato da gente tá aqui discutindo, cada um tem uma história. Ela diz: eu não faço isso, cada um tem o exemplo de uma pessoa que não faz. Então eu acho que a gente tem que tentar mudar isso, tem que tentar mudar a forma como o jovem é visto, e cabe a cada um fazer a sua parte. Uma andorinha só não faz verão, não faz. Mas, eu posso contagiar quem tá do meu lado e formar um grupo consistente. (...) Eu acho que tem que mudar essa visão, jovem não é um problema, ele pode sim se tornar um problema se não for bem orientado, se ele não tiver um aparato, sabe? Uma pessoa que olhe, que oriente, que converse.

No artigo “*Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade*” Gonçalves (2005) faz uma crítica, que é também uma contestação sobre o modo como os jovens são vistos e representados na sociedade contemporânea. Lembra a autora que, com frequência aparece na história da preocupação social e acadêmica o interesse pela juventude. Entretanto, com igual frequência a discussão surge contaminada por verdades canônicas referentes a crises e excessos.

A juventude, na visão clássica, é entendida como “uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema” (Foracchi, 1972, p. 160); estudos contemporâneos reafirmam seus *excessos pulsionais* (cf. Souza, 2005) como motores da construção das formas pelas quais o jovem se apresenta à sociedade. A primeira visão acentua o conflito e a busca pela experimentação; a segunda encaminha a postura individualista e narcísica, considerada típica da sociedade e da juventude contemporâneas (p.207).

Através de uma pequena revisão histórica, a autora retoma a gênese da abordagem da questão. Na turbulenta Chicago dos anos 1920, jovens irlandeses, italianos, afro-americanos e judeus tornaram-se objeto de estudo da sociologia que buscava investigar a possível relação entre juventude, violência e desordem social. A guerra entre gangues na década de 20 e a explosão demográfica nas cidades em 1950 contribuíram para o olhar negativo lançado aos estudos sobre a juventude. A partir daí, excessos e comportamentos disfuncionais tornaram-se alvos de programas de controle e prevenção.

Firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: no século XXI, quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana (Gonçalves, 2005, p.208).

Contudo, em consonância com o depoimento de Eliane, a autora não concorda que a juventude – em toda a sua multiplicidade de vivências e organização – possa ser reduzida a hegemonia de pontos de vista ligados a desordem e criminalidade frutos de uma natureza narcísica e individualista.

Seguindo a mesma linha crítica ao determinismo, em “*Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*”, Helena Abramo (2007) concorda que embora muito se fale sobre os jovens, poucos são os estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. A autora inicia o artigo fazendo uma breve revisão de como a juventude foi sendo representada ao longo das décadas e de que modo. Segundo a autora, o que ocorre é que a juventude é sempre tematizada pela geração que a antecede e, deste modo está sempre sujeita a comparações e julgamentos segundo referenciais do passado. A geração de 80 foi julgada apática, individualista, consumista e indiferente por que a ela foi traçado um paralelo com os jovens da década de 60. Isso não significa dizer que os adjetivos empregados para defini-la são falsos e que parte das suposições não

se concretize, no entanto, as sucessivas comparações tornam a juventude presente sempre deficitária de um traço ou característica, seja positivo ou não. A crítica da autora é que pouca chance é dada para que o jovem do presente fale de si mesmo.

E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, ouvidos e entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros. Permanecem, assim, na verdade, semi-invisíveis, apesar da sempre crescente visibilidade que a juventude tem alcançado na nossa sociedade, principalmente no interior dos meios de comunicação (p.84).

Também nesse sentido, Sarti (2004) fala da indefinição do lugar do jovem na sociedade contemporânea. Diferentemente das organizações sociais antigas que configuravam a transição da juventude para o mundo adulto em ritos de passagem, a sociedade atual deixa para o jovem um lugar de apenas contestação.

Ele é um não-mais-criança e um não-adulto e, freqüentemente, considerado problema para o mundo adulto, o “aborrecente”. Em contraposição a essa idéia, a proposta de desenvolver o protagonismo juvenil nos programas para jovens apontam para a importância de pensá-los como agentes de soluções para seus próprios problemas (p.124).

Aqui a autora adere à proposta da jovem depoente na sugestão de deixar o jovem participar das resoluções acerca das problemáticas referentes a esse grupo etário.

A respeito da participação familiar nas questões referentes aos problemas da juventude, Eliane denunciou que existe muita negligência e omissão por parte dos pais. Diz a jovem:

Eliane – A Isabella é uma menina de 20 anos, se ela tivesse todo um apoio psicológico por parte dos pais, uma abertura, talvez, uma conversa, não sei, mas acho que isso poderia ter sido evitados não só o problema dela mais da grande maioria dos jovens”(...) os pais precisam dialogar mais com os filhos e não impor, orientar.

A falta de diálogo trazida pela jovem encontrou ressonância na fala de outras colegas. A incomunicabilidade entre pais e filhos foi questão recorrente. Segundo relato de Juliana a falta de tempo e a crença de que bens materiais suprem a falta de afeto têm contribuído para o enfraquecimento da relação.

De acordo com Kehl (2004) muitos pais não servem de referência por que os próprios estão desprovidos de referenciais. O imperativo da juventude destituiu

o adulto do lugar daquele que sabe. Nesse sentido, “a rede de proteção imaginária constituída pelo que o Outro sabe se desfaz, e a própria experiência perde significação” (p.97). A autora ressalta que a gradativa desvalorização da experiência descarta o passado em favor de uma eterna juventude e esvazia de sentido a própria vida. A tristeza e a depressão são deflagradas quando “em busca de perspectivas para o futuro os jovens olham para a vida dos mais velhos e encontram um espelho deformado de si mesmos”. Indaga a autora: como ingressar no mundo adulto onde nenhum adulto quer viver? Assim, a rebeldia dos jovens também estaria justificada na teoria da hegemonia do modelo jovem. A explicação, tomada da visão psicanalítica, esclarece que o imperativo do “mais prazer” ao que o jovem é impelido encontra-se desprovido dos limites e freios paternos para o excesso do que ele *quer* e *não quer* cometer. Deste modo, na ausência de interdição o jovem chegado à adolescência responde com pânico e revolta o que, na verdade é angústia.

A rebeldia dos adolescentes hoje parece antes um apelo a que os pais manifestem alguma forma de autoridade e façam restrição ao gozo. Não se trata da insatisfação de quem se sente aquém da liberdade e dos prazeres que gostaria de desfrutar, e sim da angústia de quem se vê diante da demanda de gozar ilimitadamente (...) (Kehl, 2004, p.99).

Eliane e Juliana deixam claro em suas falas as consequências negativas da liberdade excessiva e falta de diálogo na relação entre pais e filhos. Ambas as jovens concordam que comunicação e carinho são elementos escassos na dinâmica familiar e Juliana destaca o papel coadjuvante dos pais na vida dos jovens. Na opinião de Eliane, a participação dos pais na vida da jovem Isabella poderia ter evitado a tragédia. Kehl (2004) concorda com os depoimentos das jovens. Diz a autora que, na ausência de referência e restrição por parte dos pais os jovens se vêem condenados a liberdade e a excessos de toda ordem que pode culminar em consequências fatais quando a vida é feita arremedo de um parque de diversões sem limites.